



ETNOSSABERES: FORMAÇÃO DOCENTE DECOLONIAL EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Francisca Edilza B. A. Carvalho (GEPEQ/UFMT) – edilzaandradetga@gmail.com

Suely Dulce de Castilho (GEPEQ/UFMT) – castilho.suely@gmail.com

GT 3: Educação e Diversidade

Resumo:

O texto em tela visa relatar uma experiência que focaliza o curso de extensão “Educação Escolar Quilombola: Etnossaberes, Pós - Colonialidade e Formação docente”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola/GEPEQ-UFMT, coordenado pela professora doutora Suely Dulce de Castilho. O referido curso tem como principal objetivo estabelecer uma interação dialógica e formativa entre a comunidade acadêmica e os professores que atuam na Educação Escolar Quilombola do Estado de Mato Grosso. Metodologicamente o curso utiliza observações, entrevistas e questionários. As atividades foram realizadas entre março e dezembro de 2020, somando uma carga horária de 140 horas. A formação foi realizada no polo da UFMT, por meio do sistema AVA e em seis comunidades quilombolas mato-grossenses, atendendo pesquisadores e profissionais que atuam em escolas quilombolas. Para a implementação do curso de extensão foi utilizado como aporte teórico autores que contribuem para os estudos decoloniais tais como Freire (1987), Grosfoguel (2010) e Quijano (2010). Os resultados desvelam que a execução do curso de formação contribuiu para redimensionar as práticas pedagógicas descolonizando as propostas curriculares hegemônicas e proporcionado conhecimento científico para o reconhecimento dos saberes produzidos pelas comunidades quilombolas. Ousamos sugerir que as práticas docentes realizadas no seio das escolas quilombolas pesquisadas demonstram o esforço dos educadores/as no sentido de implementação de uma pedagogia decolonial que pulsa, respira e sente os saberes da comunidade.

Palavras-chave: Educação quilombola. Etnossaberes. Formação docente. Decolonialidade.

1 Introdução

Esta comunicação pretende apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa-extensão denominado “Etnossaberes: Perspectivas e desafios para formação de professores atuantes em Educação Escolar Quilombola”, em desenvolvimento pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola/GEPEQ-UFMT, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Desde o ano de 2017, o GEPEQ-UFMT, coordenado pela professora doutora Suely Dulce de Castilho, promove o curso de extensão nas Comunidades Quilombolas do estado de Mato Grosso. No ano de 2020, o curso de extensão recebeu o título: “Educação Escolar Quilombola: Etnossaberes, Pós- Colonialidade e Formação Docente - II ETAPA”. Neste texto, dedicaremos nossa atenção à etapa realizada no ano de 2020.

No ano em tela, o curso traçou como principal objetivo estabelecer uma interação dialógica e formativa entre a comunidade acadêmica e os professores que atuam na Educação Escolar Quilombola do Estado de Mato Grosso.

A questão-chave que suleia este estudo é: qual a percepção dos docentes quilombolas sobre a elaboração de planos de aula conectados com os etnossaberes das Comunidades Quilombolas?

No esforço de responder essa questão, este estudo está organizado em cinco seções. Esta introdução, seguida da metodologia utilizada no curso de extensão e de uma breve contextualização das comunidades e escolas nas quais o curso de extensão foi realizado; na sequência, desenhamos as tessituras teóricas construídas no curso de formação; logo depois, delineamos as discussões e resultados da execução do curso e, por fim, apresentamos nossas considerações.

2 Tear metodológico

No ano de 2020, o curso de extensão “Educação Escolar Quilombola: Etnossaberes, Pós - Colonialidade e Formação docente/2020 contou com a participação direta dos profissionais da educação de seis escolas quilombolas do Estado de Mato Grosso, sendo cinco escolas integrantes da rede estadual de ensino e uma escola integrante da rede municipal de ensino e também com a participação indireta dos estudantes dessas unidades escolares.

A primeira escola pesquisada está localizada no Território Quilombola Vão Grande, que é constituído de cinco Comunidades Quilombolas: Camarinha, Morro Redondo, São José do Baixio, Retiro e Vaca Morta, sendo que as três primeiras estão localizadas no município de Barra do Bugres/MT, e as duas últimas estão situadas no município de Porto Estrela - MT. O Território está a aproximadamente 240 Km de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso (CARVALHO; CASTILHO, 2017).

A Escola Estadual José Mariano Bento está localizada na Comunidade Quilombola São José do Baixio. O estabelecimento escolar funciona nos turnos matutino e vespertino, oferta a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos/EJA. Todos esses níveis e modalidade funcionam no regime multisseriado. A escola atende 110 estudantes, organizados em seis salas de aula na sede da escola e em duas salas anexas, Dias (2017) e Sales (2020).

A segunda escola localiza-se no Complexo Mata Cavalo e é constituído por seis comunidades quilombolas: Mata-Cavalo de Baixo, Mata-Cavalo de Cima, Aguaçú de Cima, Ponte da Estiva, Mutuca e Capim Verde. O Complexo está situado no município de Nossa Senhora do Livramento a, aproximadamente, 60 km de Cuiabá-MT,

(SANTANA, 2019). A Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição Arruda, localizada às margens da Rodovia MT 060, Km 25, na Comunidade Mata-Cavalo de Baixo funciona nos turnos matutino e vespertino, oferta a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos/EJA. Todos esses níveis e modalidade funcionam no regime multisseriado. A escola atende 530 estudantes, organizados em onze salas de aula na sede da escola e em 16 salas anexas (SANTANA, 2019).

A terceira escola está localizada no Território Quilombola de Itambé, que é constituído por sete Comunidades Quilombolas: Itambé, Lagoinha de Cima, Lagoinha de Baixo, Cachoeira do Bom Jardim, Cansação, Aricá-Açú, Barro Preto e Serra do Cambam Bi, localizadas no município de Chapada dos Guimarães-MT a 65 km de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso (SANTOS, 2018). A Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica está localizada na Comunidade Quilombola de Itambé a 30 km do município de Chapada dos Guimarães. A escola funciona no período matutino, oferta a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos/EJA. Todos esses níveis e modalidade funcionam no regime multisseriado. A escola atende, aproximadamente, 200 estudantes organizados em oito salas de aula na sede da escola e em oito salas anexas, (SANTOS, 2018).

A quarta escola pesquisada está localizada na Comunidade Quilombola de Abolição, no município de Santo Antônio do Leveger-MT a, aproximadamente, 50 Km da capital, Cuiabá (FRANÇA, 2019). A Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller está localizada na rodovia BR 364, quilômetro 353, bem próximo à mineradora Brita do Vale e do entroncamento do município de Barão de Melgaço, (FERREIRA, 2015). A referida escola atua nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, oferta a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos/EJA e atende 454 estudantes.

A quinta escola pesquisada está localizada no município de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, a 521 km de Cuiabá. O município de Vila Bela da Santíssima Trindade possui cinco grandes territórios, compostos de comunidades quilombolas. A Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito atende estudantes de duas comunidades quilombolas: Boqueirão e Retiro que estão localizadas a 35 km da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade e são integrantes do complexo “Boqueirão, Vale dos Rios Alegre e Guaporé – Porto Bananal”. A escola atua na Educação Básica e na Educação de Jovens e Adultos e atende 454 estudantes (MORAES, 2017).

A sexta escola está localizada na Comunidade Quilombola do Chumbo, situado no município de Poconé, localizado às margens da Rodovia/MT - 451, denominada de

Adauto Leite, distante cerca de 110 km de Cuiabá. A Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, oferta a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos, funcionando nos períodos matutino, vespertino e noturno, (OLIVEIRA,2017).

Metodologicamente a pesquisa se insere na abordagem qualitativa e no método da pesquisa-ação e da etnografia. Como instrumentos para geração de dados foram utilizados observação, questionários e entrevista semi-estruturada, fundamentadas principalmente em autores como Geertz (1989), Thiollent (1986), André (2015), dentre outros. A análise dos dados foi balizada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

No ano de 2020, devido ao contexto da Pandemia do Covid-19, as etapas do curso foram realizadas por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem/AVA-UFMT, Google Meet; Whatsapp e Formulários do Google.

O curso foi realizado por meio de 17 encontros, totalizando uma carga horária de 140 horas. A organização contou com quatro etapas: na primeira etapa foram realizadas leituras, discussões e reflexões de estudos teóricos e sugestivos de práticas pedagógicas que se inserem na abordagem dos etnossaberes; na segunda etapa foram realizadas pesquisas dos saberes mais significativos que permeiam o cotidiano das comunidades atendidas pelas escolas quilombolas que integraram o curso; na terceira etapa, foram realizadas: elaboração, organização e aplicação de planos de aulas que estabelecessem um diálogo entre os etnossaberes das comunidades quilombolas e os conteúdos previstos no currículo escolar; na quarta etapa foi realizada a avaliação do curso por meio de entrevista aos participantes.

Para resguardar a identidade dos participantes da pesquisa, os docentes serão identificados por número no corpo do texto e as escolas serão identificadas por letra do alfabeto de (A) a (F), seja exemplo: (DOCENTE 1,2,3... Escola A, B, C...).

3 Tessituras teóricas

Nas tessituras teóricas delineadas para os diálogos com as comunidades quilombolas/MT, o GEPEQ-UFMT vem utilizando os pressupostos da decolonialidade que reúne nomes como Enrique Dussel, Walter Dignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Ramón Grosfoguel, Santiago Castro-Gómez, Edgardo Lander, Arturo Escobar, Nelson Maldonado-Torres, entre outros autores que constituem o “Programa de Investigação da Modernidade / Colonialidade Latino-Americano”. De acordo com Mota Neto (2017, p.02), os estudos desses autores assinalam “o questionamento radical e a

busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas contra as classes e os grupos subalternos pelo conjunto de agentes, relações e mecanismos de controle”.

Assim, os principais autores utilizados no projeto, como referência foram: Bhabha (2013), Fanon (1975), Hampâté Bâ (2003), Freire (1987), Mbembe (2014), Grosfoguel (2010) e Quijano (2010), e ainda as Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso (2010) e as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012), as quais buscam demarcar a relevância da inserção no fazer pedagógico, os conhecimentos da cultura local, dos saberes e fazeres de homens, mulheres e crianças que habitam as comunidades quilombolas.

As palavras de Castilho (2011) permitem entrever que as comunidades quilombolas no Brasil tiveram os seus saberes e fazeres subalternizados ao longo da história. Ainda assim, na análise de Castilho (2020, p. 71), as escolas estaduais quilombolas vêm trilhando avanços significativos, “tanto do ponto de vista estrutural, quanto do nível de formação do quadro de docentes; e conseqüentemente, nos fazeres pedagógicos com franca melhoria na qualidade de ensino oferecida aos estudantes”. A autora delinea as dimensões que definem estes avanços:

Podemos olhar esses avanços por cinco dimensões que se somaram: 1) as constantes mobilizações dos movimentos negros e quilombolas pelo direito de acesso à educação, desencadeadas ao longo da história do Brasil; 2) Os avanços nos estudos de intelectuais que se debruçaram sobre o tema quilombo e educação recolocando conceitualmente a especificidade cultural e histórica dessas populações, a partir dos conceitos de identidade, cultura e diferença cultural, na perspectiva de descolonização do currículo das escolas; 3) O fato de termos, no Brasil, entre 2002 a 2016 presidentes sensíveis às necessidades dos povos marginalizados, o que permitiu a legitimação do direito à educação por meio de aprovação de dispositivos legais, como criação de Conselhos, Secretarias e políticas públicas educacionais para as diversidades étnico-raciais, publicação de editais para seleção de programas e projetos de intervenções, financiados; 4) Esse conjunto de dispositivo tornou também possível a formação dos docentes, por meio de financiamento público de formação superior; 5) soma-se a consolidação de grupos de estudos e núcleo de pesquisas sobre a temática, os quais tiveram condições de intervir nas escolas com oferecimento de cursos, aos docentes quilombolas, visando contribuir com a formação continuada, sobre as temáticas de relações raciais na educação, e leituras das legislações pertinentes, (CASTILHO, 2020, p. 71).

A autora também aponta a importância e as conseqüências benéficas do ingresso dos/as professores/as quilombolas nos cursos de formação específica como é o caso do ingresso dos professores quilombolas nos programas de Pós-Graduação em nível de mestrado/doutorado e também nos cursos de formação continuada, como é o caso dos cursos de extensão oferecidos pelo GEPEQ, sobre os quais este texto se debruça.

O estudo oferecido pelo Gepeq sobre os etnossaberes às comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso é, portanto, uma resposta do GEPEQ às reivindicações dos/das docentes quilombolas que buscaram junto ao Grupo de pesquisa, além de formação continuada específica, recursos e materiais pedagógicos que atendam as especificidades dos estudantes quilombolas e respirem seus anseios. As reivindicações são frutos de uma parceria que vem se fortalecendo há bastante tempo entre as comunidades quilombolas/MT e o GEPEQ-UFMT e que tem origem com a pesquisa de doutoramento da coordenadora do Gepeq Suely Dulce de Castilho, realizada na Comunidade Quilombola Mata Cavallo-MT, 2004/2008.

Para Fernandes (2016, p. 62), “entender os etnossaberes é deslindar a história sociocultural dos objetos e de suas percepções e representações em cada cultura e entre as culturas postas em contato”. Para Castilho e Santana (2019), as formações sobre os etnossaberes das comunidades quilombolas possibilitam aos docentes a realização de uma transposição didática entre os saberes acadêmicos e os saberes das comunidades, numa propositura decolonial.

Com base nesses autores, é possível interpretar que a pedagogia decolonial possibilita a inversão de práticas pedagógicas eurocentradas e permite aos/as docentes trilhar caminhos que os conduzam à escuta e discussão acerca da realidade dos/as estudantes e os ajude a superar as desigualdades e discriminações. Outrossim, Mota Neto (2017) acresce a necessidade de avanço na tessitura de ações, de “práticas, conceitos e linguagens que fortaleçam uma pedagogia decolonial em nosso continente, ligada a um projeto de emancipação que garanta o direito de todos à existência, ao trabalho, à liberdade, à justiça e à educação”

Uma pedagogia decolonial, em nosso entendimento, deve partir desta hipótese de contexto que está presente nas ideias tanto de Freire quanto de Fals Borda. Ora, não é possível enfrentar a invasão cultural, a colonialidade e o colonialismo intelectual e pedagógico se não aprendermos a estabelecer outra relação com o saber local, com as histórias de vida dos educandos, com as necessidades concretas dos movimentos sociais, com os desejos e os medos das classes populares, Mota Neto (2017, p.11).

Estabelecer um link entre os saberes das comunidades quilombolas e os fazeres escolares tem se mostrado um desafio para a educação, pois embora haja evidentes avanços como já foram mencionados por Castilho (2017), ainda é preciso avançar em práticas decoloniais que conversem com os interesses dos homens, mulheres e crianças que contituem as comunidades quilombolas e lhes permitam perceber o protagonismos que eles detêm em suas histórias, nas histórias das comunidades. E, parafraseando Fernandes (2016), Que premita-lhes ver-se como protagonistas

de ações que rompem com as proposições colonialistas, ver-se como protagonistas numa mirada intercultural que dialoga com os etnossaberes.

4 Os etnossaberes e o fazer pedagógico nas escolas quilombolas

Para Castilho (2020), o conceito de etnossaberes concilia herança histórica e sua recriação. Para a autora, “as ações cotidianas vividas pelos membros de uma determinada comunidade, sejam as ancestrais, repassadas oralmente das gerações mais antigas às mais atuais, ou aquelas recriadas, contemporaneamente compõem o saber das comunidades”. Saberes que precisam ser levados em consideração, apreciados na estratégia pedagógica, nos planejamentos escolares, na vida escolar.

Ao inquirir os/as educadores/as sobre como os etnossaberes vêm sendo trabalhados nas escolas, eles/as delineiam os trilhos quem vêm percorrendo, os relatos permitem entrever o empenho dos/as professores/as para ressignificar suas práticas, ainda que enfrentem muitos desafios advindos das ausências que as comunidades quilombolas vivenciam, ouçamos suas vozes:

Os saberes locais podem ser trabalhados das seguintes formas: Aula de campo, entrevistas, observações, roda de conversa para ouvir os relatos, histórias, contos e mitos. Trazer os moradores para a comunidade escolar para troca de experiências. Jogos como: Tabuleiro do saberes locais e jogos da memória dos saberes e costumes, (DOCENTE 10, Escola C)

As novas propostas pedagógicas sugerem aos professores da educação básica utilizem metodologias diferenciadas em sala de aula e valorizem não somente os saberes disciplinares mas também procurem vincular a esses os saberes da cultura, das práticas produtivas, das tradições históricas que possam contribuir para a formação do aluno/cidadão, (DOCENTE 12, Escola F).

Todos nós brasileiros temos um pouco de cada canto do mundo, afinal somos um país de misturas culturais. No entanto, nas comunidades quilombolas, é bem forte a questão da cultura, pois ali o povo vivencia no cotidiano suas raízes, suas histórias, passadas de geração em geração, valorizando seu povo, seu costume, suas características marcantes, entre elas; danças, credences, comidas, contos, entre mais valores, nas quais são trabalhadas, (DOCENTE 15, Escola E).

A comunidade escolar quilombola possui seus próprios processos de organizações sociais, são possuidores de saberes, peculiares, estes saberes tradicionais são criados e recriados por meio de muitos diálogos, ritos e costumes permitindo um trabalho em comum de acordo com a realidade da comunidade. Trabalhando através de projetos envolvendo toda a comunidade, proporcionando encontros onde as pessoas possam compartilhar suas experiências de vida ao longo do tempo, (DOCENTE 10, Escola B).

As narrativas dos/as educadores também permitem entrever a importância que eles atribuem à memória coletiva nas comunidades quilombolas, vejamos o que eles/as dizem:

Há muitas maneiras de trabalhar esse cotidiano mágico e ao menos tempo árduo, têm muitas interfaces: na produção agrícola, nos diferentes modos de conceber a religião, no lazer, no linguajar, do nascer ao morrer que em muitos casos têm particulares diferente de outros lugares. Enfim a vida e morte de um Quilombola é carregado de significados, (DOCENTE 13, Escola A).

Através do conhecimento dos nossos ancestrais, podemos trabalhar de forma organizada, utilizando os recursos naturais existentes na comunidade mantendo sua cultura, religião, inovando o que foi passado de geração em geração na oralidade e na prática cotidiana, (DOCENTE 33, Escola B).

Poderemos trabalhar utilizando as histórias dos antepassados e estar recriando e colocando a mão na massa para evidenciar as mudanças e a sabedoria que os quilombolas deixaram de herança, (DOCENTE 07, Escola E).

Através do conhecimento dos nossos ancestrais, podemos trabalhar de forma organizada, utilizando dos recursos naturais existentes na comunidade, mantendo sua cultura, religião, inovando o que foi passado de geração em geração, tanto na oralidade quanto na prática cotidiana, (DOCENTE, Escola D).

Outro aspecto destacado nas narrativas dos/as educadores/as é a utilização da interculturalidade, da interdisciplinaridade, permitindo vislumbrar uma propositura pluriversal “Produzir aulas interdisciplinares é muito importante, pois quando os alunos veem um conteúdo em várias áreas do conhecimento, esse saber local fica mais interessante. Os alunos vivenciam sua própria produção” (Docente 04, escola A).

Os momentos de formação também são utilizados pelos/as profissionais da educação das Escolas Quilombolas como espaço de denúncia e reivindicação, nos quais os profissionais expõem as necessidades, anseios e sugestões para as próximas ações do GEPEQ, ouçamos o que eles/elas dizem:

A valorização desse saber é muito importante para a comunidade. Uma produção de material pedagógico que contemplasse estes conhecimentos nos ajudaria muito, (DOCENTE 08, Escola A).

É de muita relevância com relação ao saber das comunidades aprendemos muito com os alunos quando planejamos aula com os etnossaberes. Apesar de termos muita dificuldade com material e tecnologia nas comunidades, mas existem profissionais compromissados em desenvolver aulas com ações cotidianas vivenciadas nas comunidades, (DOCENTE 11, Escola A).

Os professores/as também trazem a lembrança a importância do trabalho com os etnossaberes para a valorização da identidade quilombola na juventude:

Pode ser trabalhado buscando resgatar para dentro da comunidade quilombola suas origens que deixaram se perder, resgatar suas culturas, crenças, muitos jovens que vivem em comunidades quilombolas nem sabe o que é ser quilombola, perdeu suas origens, na minha opinião deveria ser feito esse trabalho de fazer com que as pessoas saibam mais sobre ser quilombola, (DOCENTE 21, Escola D).

Nossas comunidades quilombolas, estão cada vez mais perdendo suas raízes, sua cultura, saberes etc. É preciso resgatar esses conhecimentos repassar para nossas crianças, adolescentes e jovens. Contar nossa história do passado

registrar, é preciso preservar esse bem valioso, e sempre trabalhar desde a educação Infantil sobre a Educação Quilombola, tem que ser respeitado a cultura os saberes de cada localidade Quilombola, (DOCENTE 17, Escola E).

As narrativas dos participantes do curso de extensão realizado pelo GEPEQ/UFMT também desvelam a importância do papel do educador na execução de aulas realizadas com os etnossaberes:

Nas escolas quilombolas, precisamos estar incluindo os etnossaberes em sala de aula e partir daí construir o conhecimento científico. O professor tem como função mostrar que todos os conhecimentos são importantes para a construção de uma identidade, isto é possível envolvendo a comunidade dentro da escola ao mesmo tempo que a escola deve ir à comunidade para trocas de saberes, (DOCENTE 03, Escola D).

A Educação Escolar Quilombola Visa uma aproximação entre os saberes curriculares, os da comunidade, os da cultura e de seus direitos. O ensino que professores desenvolvem com a equipe gestora faz garantir que todos os alunos aprendam a cultura e conhecimento da comunidade, (DOCENTE 22, Escola D).

Como moradora de Comunidade quilombola, Professora e formadora de opiniões sei da importância de valorizar os etnossaberes para a construção e valorização da identidade de um povo. A escola tem como papel contribuir nessa formação inserindo a comunidade e os conhecimentos empíricos em seus projetos de trabalho mostrando seu perfil e ajudando nessa construção desde a educação infantil, pois desta forma a criança cresce empoderada, se valorizando e se reconhecendo como importante e com possibilidades múltiplas, (DOCENTE 10, Escola F).

O professor que deve reforçar e mostrar aos alunos/as que esses saberes são tão importantes quanto o científico. Desta forma a identidade das crianças se reforça e se constrói ao mesmo tempo que ela aprende, ela valoriza a sua comunidade e se aceita como parte importante na sociedade sendo um cidadão de direitos, (DOCENTE 14, Escola C).

Saberes passados são importantíssimos para as gerações futuras, é dessa maneira que a cultura se mantém viva e, juntamente consigo, conhecimentos medicinais, técnicas antigas de plantação, conhecimento sobre o clima e a terra. Muitos desses conhecimentos não têm embasamento científico comprovado, mas segue sendo praticado, (DOCENTE 09, Escola B).

Valorizar os conhecimentos empíricos é uma maneira sólida de perpetuar a nossa história e a história de nosso povo e a escola tem como dever trabalhar essa valorização conscientizando as crianças e jovens a respeito. Esses conhecimentos podem ser trabalhados de várias maneiras como: realizar pesquisas levando os alunos às suas residências para socialização de manejos, histórias ou outros e depois fazer uma contextualização com o conhecimento científico mostrando que nenhum se superioriza em relação ao outro. Da mesma maneira que devemos levar o conhecimento para a sala de aula através de trabalhos como entrevistas com anciões, oficinas de artesanatos, ou outros, (DOCENTE 07, Escola D).

Quando questionados sobre a importância dos etnossaberes, os educadores/as explicitam a relevância que eles possuem para a valorização da cultura e da identidade quilombola no seio das comunidade, ouçamos:

Valorizar o etnossaberes é entender que este é um instrumento de empoderamento e valorização da cultura local e mais que este marca a identidade de um povo é uma tarefa da educação escolar. Enquanto professora dos anos iniciais trabalho com brinquedos e brincadeiras cotidianas, indo da prática para a teoria, ou seja, além de incentivar as crianças a conhecerem as brincadeiras antigas, estarem também brincando entre colegas e professora e a partir desta partirmos para o processo de alfabetização como um todo, (DOCENTE 11, Escola B).

A importância dos etnossaberes nas Comunidades Quilombolas são de grande valia; pois a cultura e a vivência local é o que mantém a história e as raízes de um povo fixas e com sustentação; pois o olhar das gerações mais antigas fazem com que as pesquisas sejam começadas e com riquezas de detalhes. Com isso as gerações futuras podem recriarem ambientes embasados em investigações relevantes e carregados de ensino aprendizagem, (DOCENTE 12, Escola A).

Os etnossaberes valorizam a cultura local do fazedor de farinha, do fabricante de rapadura e melado, do fabricante de queijo, das doceiras, da fazendeira de bolo, do fabricante de sabão de soda e muitos outros, (DOCENTE 31, Escola D).

Trabalhar com os etnossaberes traz os saberes das famílias para dentro da base escolar. É um trabalho produtivo e positivo. Escola e Comunidade trabalhando juntos para que as culturas quilombolas não sejam perdidas em meio a tantas mudanças que a educação vem sofrendo, (DOCENTE 07, Escola F).

Nesse entendimento, ousamos sugerir que as práticas docentes realizadas no seio das escolas quilombolas pesquisadas demonstram o esforço dos educadores/as no sentido de implementação de uma pedagogia decolonial que pulsa, respira e sente os saberes da comunidade. Que pensa em sintonia com as Epistemologias do Sul, que esperança.

5. Considerações finais

Este texto objetivou relatar uma experiência que focaliza o curso de extensão “Educação Escolar Quilombola: Etnossaberes, Pós - Colonialidade e Formação docente”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola/GEPEQ-UFMT, coordenado pela professora doutora Suely Dulce de Castilho.

O curso de extensão procura estabelecer uma interação dialógica e formativa entre a comunidade acadêmica e os professores que atuam na Educação Escolar Quilombola do Estado de Mato Grosso, em seis escolas quilombolas.

As narrativas dos educadores/as permitem entrever que o curso de formação contribuiu para a desconstrução de aulas hegemônicas nas escolas quilombolas ao redimensionar as práticas pedagógicas numa perspectiva decolonial, proporcionando o reconhecimento dos saberes produzidos pelas comunidades quilombolas. Ademais, com base na análise feita neste trabalho, é possível apontar a necessidade de avanços

constantes na implementação de uma pedagogia decolonial que fortaleça a identidade quilombola.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas-SP: Papyrus, 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 1979.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: SEB, 2012.

CARVALHO, Francisca Edilza Barbosa de Andrade; CASTILHO, Suely Dulce de. Território Quilombola Vão Grande: aspectos históricos. In: Josemir Almeida Barros, Márcia dos Santos Ferreira e Suely Dulce de Castilho (Organizadores). **Entrelaços e Diálogos: Pesquisas em História da Educação e Ensino Nas Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil**. Cuiabá-MT, EduUFMT. 2017.

CASTILHO, S. D. & SANTANA, G. E. A. **Etnossaberes e Formação De Professores Quilombolas: Reflexão A Partir do Olhar de Docentes**. Expressa Extensão. ISSN 2358-8195, v.24, n.1, p. 40-54, JAN-ABR, 2019.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Pedagogia do Quilombo**. [Entrevista concedida a] Wir Caetano/ Dabliê. Nota Preta, João Monlevade – MG, julho 20, 2020.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Quilombo Contemporâneo: Educação, Família e Cultura**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

DIAS, Maria Helena Tavares. **Entre memórias e narrativas dos festeiros das festas de santo do território quilombola Vão Grande**. Orientadora Cândida Soares. 107 folhas. Dissertação, Mestrado em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso/UFMT, Cuiabá. 2017.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Portugal: Editora Paisagem, 1975.

FERNANDES, J. G. S. **Interculturalidade e Etnossaberes**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 39-65, jul./dez., 2016.

FERREIRA, Augusta Eulália. **Educação Escolar Quilombola: uma perspectiva identitária a partir da Escola Estadual Maria de Arruda Muller**. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2015.

FRANÇA, Michele Corrêa de. **Identidades na Perspectiva da Educação Infantil da Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller – Quilombo Abolição/MT**. 2019. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEPEQ/UFMT, <https://gepequfmt.blogspot.com/p/banco-de.html>

GROSFOGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos da economia política e os estudos pós-coloniais**: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

HAMPATÉ BÂ, A. **O menino fula**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2020). <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>.

LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: Eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). **El Giro Decolonial**: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações curriculares para a Educação Escolar Quilombola**. Cuiabá, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução Marta Lança. Portugal: Editora Antígona, 2014.

MOTA NETO, J. C. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina**: Reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

Mota Neto, J. C. da. (2018). **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: Convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 26(84). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3424> Acesso em: 20 abr. 2020.

OLIVEIRA, Bruna Maria de. **Práticas corporais e os fazeres pedagógicos**: perspectivas da educação escolar quilombola. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SALES, Madalena Santana de. **Os Fazeres e os Saberes Etnomatemáticos Praticados Pelos Habitantes do Território Quilombola Vão Grande**. Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho Dissertação. Mestrado Em Ensino de Ciências e Matemática. 108 f.;

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Campus “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres – MT. 2020.

SANTANA, Gonçalves Eva Almeida de. **Saberes e Fazeres Quilombolas**: um olhar sobre as práticas pedagógicas da área de Ciências Humanas da escola de Mata-Cavalo. Orientadora Suely Dulce de Castilho. 200 folhas. Dissertação, Mestrado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2019.

SANTOS, Silvana Alves dos. **Saberes e fazeres dos professores da área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, em uma escola do Quilombo Itambé/MT**. 207f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.